14:52 80%

NA WEB
EM PROCESSO POR FRAUDE
Trump diz não ter dinheiro para fiança
Ex-presidente deve depositar o equivalente a R$ 2,3 bilhões até segunda-feira
PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

INSTITUTO ANTÁRTICO CHILENO VIA AFP/4 MARÇO 2024

Calor histórico. Pesquisadores chilenos caminham em uma região da Antártica: continente perdeu uma área de 900 mil quilômetros quadrados de gelo flutuante sobre o oceano circundante, com implicações cruciais para o clima da Terra

ANTÁRTICA PERDE UM MATO GROSSO DE GELO

ONU traça cenário pior do que o esperado para as mudanças climáticas

ANA LÚCIA AZEVEDO
alcfo@oglobo.com.br

A Antártica perdeu uma área de cobertura de gelo de tamanho equivalente à da França e Alemanha (ou um Mato Grosso inteiro) somadas em 2023, ano em que 333 milhões de pessoas enfrentaram insegurança alimentar no mundo devido a extremos climáticos. Os dados estão no relatório "Estado do clima global 2023", da Organização Mundial de Meteorologia (OMM, um órgão da ONU), apresentado ontem.

Além de o relatório confirmar que 2023 foi o ano mais quente da História, 1,45°C acima da média do período pré-industrial, também afirma que culminou no período de dez anos consecutivos mais quente já registrado.

VÁRIOS RECORDES BATIDOS

O documento traça um cenário pior do que o esperado sobre as consequências das mudanças climáticas. Todos os recordes de concentração de gases do efeito estufa, elevação do nível do mar, temperatura da superfície terrestre e dos oceanos, cobertura de gelo da Antártica e retração de geleiras foram não apenas quebrados, mas esmagados. Os oceanos estão mais ácidos e quentes desde o início das medições, há 50 anos.

— As mudanças climáticas são muito mais do que a elevação das temperaturas. Em 2023, testemunhamos aquecimento dos mares, retração de geleiras e perda de gelo marinho na Antártica sem precedentes. Essas mudanças são especialmente preocupantes — destacou a diretora-geral da WMM, Celeste Paulo.

Os oceanos tiveram as maiores temperaturas desde o início das medições por satélite, há 65 anos. O ano de 2023 não teve um único dia sem que pelo menos um terço da área dos oceanos não estivesse sob onda de calor marinho, com consequências para a vida marinha, a pesca e a regulação do clima. Em 2023, mais de 90% da área dos oceanos sofreram com ondas de calor.

E, a despeito do El Niño (fenômeno que causa elevação da temperatura do Pacífico), o Atlântico foi o oceano que mais esquentou e se mantém bem acima do normal em 2024.

São mudanças drásticas e conectadas. A Antártica é um dos grandes motores do clima global. Não são apenas pinguins que sofrem com a perda das plataformas de gelo sobre o Oceano Antártico, mas o clima de todo o planeta. A extensão do gelo marinho na Antártica foi a menor registrada. No inverno, ficou um milhão de quilômetros quadrados abaixo do menor nível observado.

MUDANÇAS NO MAR

A perda de área das plataformas não influencia a elevação do nível dos oceanos porque esse gelo já está no mar. Porém, muda a absorção de calor pelo mar (o gelo branco reflete radiação, enquanto a água mais escura absorve) e remove a proteção para que o gelo terrestre escoe para os mares.

Ainda assim, a elevação do nível dos mares foi a maior registrada desde o início dos dados por satélite, há três décadas. A taxa média de elevação nos últimos dez anos medidos (2014-2023) é mais do que o dobro da observada na primeira década (1993-2002) de registros.

Os mares esquentam devido a uma série de fatores. O primeiro é a expansão térmica devido ao aumento da temperatura da água. A perda das plataformas também leva à absorção de mais calor. E o derretimento de geleiras (nos Andes, nos Himalaias, nos Alpes, na Groenlândia) também lança mais água nos mares. A Suíça, por exemplo, perdeu 10% de suas geleiras.

Tantas mudanças levaram a extremos generalizados. Ondas de calor, secas, inundações, deslizamentos, ciclones e incêndios florestais se multiplicaram. Os ciclones têm se intensificado em ritmo nunca observado.

INSEGURANÇA ALIMENTAR

O relatório da OMM mostra que o número de pessoas expostas à insegurança alimentar mais que dobrou — passou de 149 milhões antes da epidemia de Covid-19 para 333 milhões em 2023. Os dados se referem aos 78 países monitorados pelo Programa Mundial de Alimentos (PMA) da ONU, e o número real pode ser ainda maior. Os extremos do clima podem não ser sempre a causa original da escassez de alimentos, mas eles são o principal fator de agravamento.

— A crise climática é o maior desafio da Humanidade e está diretamente relacionada à desigualdade e ao aumento da pobreza e da instabilidade, com agravamento da segurança alimentar, do deslocamento de populações e da perda de biodiversidade — salientou Celeste Paulo.

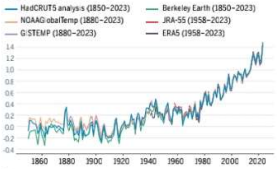
O relatório, porém, diz que há esperança. Ela vem, sobretudo, da energia renovável, com aumento substancial da capacidade de geração hidroelétrica, eólica e solar. Em 2023, houve um aumento de capacidade de quase 50% em relação a 2022. Uma elevação de 510 gigawatts (GW), a taxa mais alta observada nas últimas duas décadas.

AS PRINCIPAIS MUDANÇAS NO CLIMA

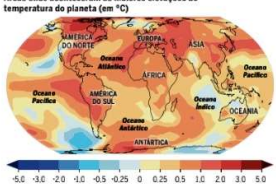
O relatório da OMM mostra que os recordes de todos os principais indicadores climáticos globais foram quebrados em 2023

AUMENTO DA TEMPERATURA

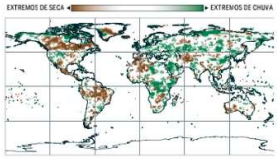
A elevação da temperatura global de acordo com os diferentes modelos climáticos (em °C)



Áreas onde aconteceram as maiores elevações de temperatura do planeta (em °C)

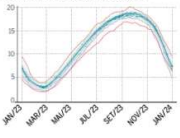


EXTREMOS DE CHUVA E SECA



REDUÇÃO DAS PLATAFORMAS DE GELO DA ANTÁRTICA

Extensão diária de gelo antártico entre janeiro e dezembro (em milhões km²)



EDITORIA DE ARTE

UM SÓ PLANETA
PARCEIROS
ae aegea
GERDAU O futuro se molda
APOIO
O MUNDO
ONU programa para meio ambiente 50 anos
REALIZAÇÃO
EDITORA GLOBO
CBN
rádio (G)globo
Conheça #UMSÓPLANETA – o maior movimento editorial brasileiro para promover práticas sustentáveis e enfrentar a mudança climática. Acesse umsoplaneta.globo.com